

EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE: COMPONENTE CURRICULAR DA ESCOLA?

Profa Drn. Juliana Lapa Rizza*

Resumo

Na escola filas que separam meninos e meninas. Presos na porta dos banheiros, uma bonequinha de vestido e lacinho na cabeça e um bonequinho de bermuda e boné demarcam onde meninos e meninas devem transitar. No pátio e na educação física, bola de futebol para os meninos e bola de vôlei para as meninas. A partir desses e de outros exemplos que podem ser encontrados em algumas escolas, é possível perceber o quanto essa instituição apresenta-se como um espaço sexualizado e generificado. E a escola tem buscado promover práticas pedagógicas que problematizam essas questões? As questões de gênero e sexualidade são entendidas como componentes do currículo?

A sexualidade, ao longo dos tempos, vem sendo um assunto falado por diferentes sujeitos – convocados como autorizados ao discurso – e por distintas instâncias sociais – família, escola, instituição religiosa, entre outras – também instituídas como espaços que poderiam falar e discutir a sexualidade. Sendo assim, diferentemente do que muitos pensam, a sexualidade não se constituiu como um assunto que deveria ser silenciado, encerrado no âmbito da família, tendo o casal como a representação legítima e reguladora da sexualidade humana.

Segundo Foucault, estudioso dessa área, com a escrita de obras compiladas em três volumes que tratam da história da sexualidade em diferentes contextos históricos, a sexualidade sempre esteve na ordem do discurso, mas é preciso problematizar o que se falou a

*Doutoranda do PPG Educação Ambiental (FURG).

respeito de diferentes formas, ou seja, a partir de discursos de vários campos de saber – Medicina, Psicologia, Educação, entre outros – e elegendo locutores e interlocutores como autorizados a esse discurso. Para o autor, a partir do final do século XVI, a sexualidade, “em vez de sofrer um processo de restrição, foi, ao contrário, submetida a um mecanismo de crescente incitação; [...] de disseminação e implantação das sexualidades [...]” (2007, p. 19). A vontade de saber fez com que o sexo fosse colocado em discurso, a partir de diferentes pontos de vista, lugares e sujeitos convocados a falar. Dentre as instâncias sociais que passaram a problematizar a sexualidade, a escola apresenta-se com um espaço potente para promover essas discussões, já que seu funcionamento, enquanto uma maquinaria social, por meio de práticas pedagógicas, tem regulado e disciplinado os corpos dos sujeitos, visando torná-los dóceis e úteis para o bom funcionamento da sociedade e, assim, também para a regulação e vigilância da forma como os sujeitos vivem a sua sexualidade.

Neste sentido, a escola, nas últimas décadas do século XX, organizou e disseminou o discurso sobre a sexualidade de diferentes maneiras. Na década de 1920, com as feministas elegendo o discurso de preservação da pureza e inocência das crianças, que só poderiam ouvir sobre a sexualidade a partir de 11 anos de idade. A instituição religiosa, na década de 1960, que concentrou discursos e publicações acerca da temática sobre o viés de ensinamentos e preceitos religiosos. Os discursos da saúde e prevenção a doenças, na década de 1980, com o aumento da contaminação pelo vírus da Aids e das demais Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) – e a importância para o cuidado do corpo a partir de políticas públicas que tem como objetivo o controle da população (RIBEIRO, 2008; RIBEIRO, 2002).

Já na contemporaneidade, é possível perceber que a sexualidade e os demais assuntos que a atravessam tem adquirido visibilidade nas diversas instâncias sociais, meios de comunicação, artefatos culturais sejam as questões do corpo, com as modificações que os sujeitos têm produzido em seus corpos, sejam as questões de gênero presente em materiais didáticos, ou ainda com os transexuais que chegam às escolas, por exemplo, e nos provocam a pensar acerca de que banheiro esses sujeitos utilizam: masculino, feminino ou unissex?

A mídia tem noticiado algumas questões que expressam essa visibilidade que a sexualidade tem adquirido no nosso cotidiano. Dentre elas, destaco a notícia publicada dia 24 de outubro de 2013, no site Terra, que noticiou a seguinte matéria: “Exercício sobre ‘afinidades’ de meninos e meninas causa polêmica”. Tal exercício, presente em um material da Editora Positivo, propõe as crianças que elas listem itens que meninos e meninas possuem

mais afinidade. Dentre as tarefas estão: brincar de boneca, jogar futebol, brincar de carrinho, usar biquíni e sutiã, cuspir no chão, usar cabelo comprido, usar gravata, usar brinco, usar saia, lavar louça e ajudar a arrumar a casa. Ao corrigir a atividade, o/a professor/a escreve que ter afinidade é diferente de poder fazer, como se homens e mulheres apresentassem características inatas e determinadas biologicamente a cada um dos gêneros.

Somos produzidos, enquanto sujeitos, através das relações entre os aspectos biológicos e sociais, ou seja, não é possível negar a materialidade biológica que nos constitui, mas as questões sociais, culturais e históricas também nos interpelam e produzem marcas nos nossos corpos. E assim é que vamos produzindo as nossas masculinidades e feminilidades e também as nossas formas de viver os nossos prazeres e desejos sexuais.

Neste sentido, é importante que a sexualidade seja considerada como um componente curricular pelas escolas. Afinal, a forma como ela está organizada – separação em filas, brincadeiras, banheiros de meninos e meninas – já retrata a presença da sexualidade. Mais do que presente nas instituições escolares, é relevante que a educação para a sexualidade possa ser pensada e problematizada como parte desse currículo que constrói os sujeitos, seus corpos, suas identidades, enfim, que ensina modos de ser e estar na sociedade.

Assim, a educação para a sexualidade visa a problematizar e a desconstruir os modelos hegemônicos e naturalizados de compreender e viver a sexualidade, entendendo que os discursos que falam sobre a sexualidade são construções sociais, históricas e culturais e que essa teia discursiva produz os sujeitos. A educação para a sexualidade questiona e duvida das certezas, dos discursos considerados “verdadeiros”, únicos e legítimos, entendendo que, assim, há uma multiplicidade de formas de trabalhar com a sexualidade na escola.

Alguns movimentos têm sido empreendidos, por meio do estabelecimento de políticas públicas, visando a discussão das questões de gênero nas escolas. A Deputada Janete Rocha Pietá (PT-SP) aprovou, na Comissão de Educação, o Projeto de Lei (PL) 7627/10 que torna obrigatória a inclusão da temática gênero nos currículos escolares.

O projeto altera a Lei 9.394/96, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática gênero e tem como objetivo incentivar a problematização dessas questões, afim de promover a igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres.

Sendo a escola uma instituição que tem papel de destaque na produção de representações sobre as questões de gênero e sexualidade, ou seja, que ensina modos de ser e

estar na sociedade, produzindo assim os sujeitos, torna-se importante agregar em suas práticas pedagógicas a educação para a sexualidade, enquanto um componente curricular. E, a partir desse projeto, no qual as questões de gênero irão tornar-se discussões obrigatórias nas escolas, é possível perceber algumas mudanças, a fim de construir uma sociedade mais justa e igualitária e também nas problematizações que têm ficado às margens e que passam a ser pensadas como componentes desse artefato pedagógico, que é o currículo escolar.



A apostila da Editora Positivo apresenta exercício que discute as questões de gênero.

Após a leitura fica a pergunta... De que forma a escola pode agregar, em suas práticas pedagógicas, a educação para a sexualidade, enquanto um componente curricular? As discussões traçadas suscitam esse questionamento, mas não com o objetivo de respondê-lo ou de fornecer receitas, formas prontas de como produzir uma prática pedagógica, em que as questões de sexualidade estejam atravessadas. O Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), do qual faço parte, dentre as suas ações, tem se dedicado a pensar algumas possibilidades para construirmos uma proposta; ou melhor, para darmos o ponta pé inicial com relação a problematizações acerca da sexualidade no espaço escolar. Assim, com o intuito de auxiliar os/as professores/as a pensarem algumas formas de discutir sexualidade com as crianças e adolescentes, apresento a seguir algumas dessas possibilidades.

QUANDO EU OLHAR...TENHO QUE SABER SE É MENINO OU MENINA?

Para realizar esta atividade, as crianças, utilizando massa de modelar, ou por meio de desenhos, deverão produzir um corpo, de forma que, ao olhar para esse corpo, possamos reconhecê-lo como de menina ou de menino. Ao apresentarem suas produções, é possível discutir com a turma algumas características ditas masculinas e femininas, tais como: aparência, vestuário, uso ou não de brinco, corte de cabelo, entre outros aspectos que social, histórica e culturalmente caracterizam homens e mulheres.



Minha boneca tem peito, ela é uma mulher.



É um boiola. Porque eu já vi um boiola quando eu ia lá na minha tia, ele tinha cabelo grande e crespo, por isso que ele é boiola.



Ele é um homem porque tem chapéu

NOMES, APELIDOS E “PALAVRÕES” RELACIONADOS À SEXUALIDADE

Para discutir o uso de nomes, apelidos e “palavrões” relacionados aos órgãos sexuais e suas funções, o/a professor/a organiza a turma em grupos e fornece a cada um uma palavra diferente: vagina, vulva, pênis, masturbação, relação sexual, menstruação, entre outras. Em seguida, propõe que escrevam os apelidos que usamos para nos referirmos a esses nomes. Com essa atividade, é possível debater com os/as alunos/as que em nossa sociedade atribuímos apelidos para algumas partes e funções do corpo e que alguns destes são utilizados como xingamentos e agressões, entre outros aspectos que possam emergir ao longo das discussões.

MUITOS NOMES, MUITAS HISTÓRIAS

Nessa atividade, é possível discutir a constituição das identidades dos sujeitos, com base na problematização das histórias que envolveram a escolha dos nomes das crianças. Primeiramente, elas deverão escrever seus nomes, com letras grandes em folhas de ofício, e ilustrar com imagens, desenhos, cores e figuras que as representem. Ao compartilhar com a turma suas produções, as crianças falarão um pouco de si, refletindo acerca de seus gostos e desejos. Em seguida, com o poema de Pedro Bandeira, “Nome da gente”, instigue a turma a conhecer a história de seu nome. Para tanto, proponha que cada criança entreviste seus familiares em busca de informações acerca dos elementos que envolveram a escolha de seus nomes. Além disso, pode ser utilizada a música “Gente tem sobrenome”, de Toquinho, e produzido acrósticos com os nomes das crianças. Para compartilhar com as famílias envolvidas as histórias, sugira a produção de um livro, cujas páginas contenham a história dos nomes de cada uma.

Adotando um bebê na sala de aula

Com um/a boneco/a de plástico, que será apresentado para as crianças, como um/a novo/a integrante da turma, o/a professor/a poderá discutir as questões de corpos, gêneros e sexualidades ao longo de um ano de trabalho, ou até o momento em que as crianças tenham interesse em interagir com o/a boneco/a. Dentre as propostas que podem ser desenvolvidas, estão:

Escolha do sexo: Observar o corpo do/a boneco/a e verificar se este apresenta marcas significativas que dão a indicação do sexo. Também pode ser feita uma discussão sobre as vantagens e desvantagens de ser menino e menina. Em seguida, promova uma votação para a escolha do sexo do/a boneco/a.

Escolha do nome: solicite sugestões de nomes e promova uma votação para a escolha do nome do/a boneco/a. É possível também trabalhar a história do nome das crianças da turma, por meio de entrevistas com os familiares e/ou cuidadores.

Identidade do/a boneco/a: construa uma identidade para o/a boneco/a, tendo como referência a idade, preferências, características (raça, religião, descendência etc.), comida, cor e esporte preferido, entre outros marcadores identitários que a turma e/ou o/a professor/a considere relevante.

Batizado do/a boneco/a: as crianças poderão pesquisar com suas famílias sobre seus batizados. O/A professor/a poderá discutir sobre os diferentes batizados de acordo com as religiões. Organize um batizado para o/a boneco/a.

Doação de roupas: solicite doações de roupas às crianças para a produção do enxoval de roupas do/a boneco/a. É possível discutir se existem roupas que só meninos usam e outras que só meninas podem usar.

Construção da família do/a boneco/a: produza, em papel pardo, dois personagens que representarão a família do/a boneco/a (pai/ mãe, tio/tia, avó/avô, somente pai, somente mãe, parceiros/as homossexuais, entre outras configurações familiares que possam emergir).

Visita do/a boneco/a: proponha às crianças que, cada dia da semana, uma leve o/a boneco/a para casa e registre, em um diário, como foi a sua estadia e as interações com a família.

Confecção de um álbum: reúna todas as produções realizadas, relacionas ao/à boneco/a e produza um álbum para que as crianças tenham os registros de suas histórias e das histórias do/a boneco/a.

Festa de aniversário do/a boneco/a: organize uma festa de aniversário e discuta as diferenças de festas de meninos e meninas (motivos da festa, cores, roupas, presentes, tipo de comida etc.). Com base nessa atividade, podem ser problematizados inúmeros outros aspectos que passíveis emergir ao longo do trabalho com as crianças e o/a boneco/a.

COMO SÃO FEITOS OS BEBÊS?

Utilizando massa de modelar ou argila, solicite que a crianças representem como acreditam que são feitos os bebês, ou seja, como os bebês vão parar dentro da barriga da mãe. Após as modelagens, as crianças compartilham suas produções com a turma. Então, o/a professor/a poderá problematizar temas como: concepção, gestão, órgãos sexuais, tipos de parto (cesariana ou normal), responsabilidade com o ato sexual, AIDS, amamentação, entre outras questões que emergirem ao longo das discussões. O nível de abordagem e a profundidade com que os temas serão discutidos dependerão da curiosidade das crianças e das dúvidas e das questões que surgirem.



Pode fazer sexo por trás, pelo ânus, só que pra ter filho, é só pela vagina. O meu desenho é um homem namorando uma mulher para fazer filho, mulher e homem fazendo sexo sentados.



"O meu desenho é um bebê dentro da barriga da mãe, protegido pelo cordão umbilical. Quando o bebê nasce a bolsa estoura e sai uma água."



Eu sei outro nome que se usa para o pênis, é piça. Sem as bolinhas, que é o testículo, não sai a gosma de dentro do homem.

JÁ SEI NAMORAR...


Nesta atividade, a proposta é discutir as diferentes formas de relacionamento, namorar, ficar, entre outras, que estão presentes na sociedade. Para desencadear as discussões sobre os relacionamentos, a sugestão é ouvir com os/as alunos/as a música “Já sei namorar”, do grupo Tribalistas, e promover uma discussão sobre o que a canção apresenta. Em seguida, solicite que eles/as escrevam, individualmente, suas opiniões sobre o que é namorar e ficar. O/A professor/a, então, traça uma discussão sobre as produções dos/as alunos/as. As demais turmas da escola também podem participar da discussão. Para isso, o/a professor que está desenvolvendo o trabalho sobre os diferentes tipos de relacionamentos confecciona com a turma dois cartazes, um para que as meninas exponham suas ideias sobre o que seja namorar e ficar; e o outro para que os meninos registrem suas opiniões. Esses cartazes podem ser expostos no pátio. Assim, todos os/as alunos/as da escola, que tiverem interesse, poderão de alguma forma participar da atividade. Simultaneamente a essa atividade dos cartazes, pode ser proposta uma entrevista com os responsáveis pelos/as alunos/as, abordando a forma como eles/as se relacionavam em sua época (se existia ficar, namorar e como era, o que é ficar para eles/as hoje em dia, entre outros aspectos). Ao final das atividades, o/a professor/a deverá propor uma discussão acerca das problematizações que emergiram.

Que corpo é esse?

A proposta desta atividade é discutir o corpo como híbrido. Isto é, como resultado da interação entre o biológico e o cultural; e também problematizar as identidades adolescentes e os marcadores sociais atribuídos a esse grupo social. Para iniciar a atividade, os/as alunos/as deverão ser divididos em grupo. Cada grupo, deverá construir um corpo adolescente, com diversos materiais disponibilizados pelo/a professor/a. Eles podem utilizar um dos colegas do grupo, que, deitado no chão sobre o papel pardo, terá seu corpo contornado. Alternativamente, se preferirem, podem fazer o desenho à mão livre. Em seguida, os/as alunos/as deverão produzir uma identidade para esse corpo (nome, idade, filiação, lazer, ídolos, roupas que usa, signo, marcas e adereços corporais, coisas que gosta e não gosta de fazer, dúvidas em relação ao corpo e à sexualidade, entre outros aspectos), que pode ser por meio de tópicos ou por uma narrativa que apresente esse/a adolescente. Com base nos corpos produzidos em cada um dos grupos, proponha a escrita de histórias envolvendo dois ou mais adolescentes. Enquanto eles/as elaboram a história, o/a professor/a passará pelos grupos, pedindo que eles retirem, de

uma caixa, um papel, que introduzirá um novo elemento à narrativa: celular, Facebook, shopping, escola, balada, casa, ônibus, praia, cinema, entre outras possibilidades. Por fim, cada grupo apresentará a sua história para a turma e o/a professor/a deverá propor as discussões.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO PERSONAGEM



- Gabriel da Silva Silva.
- País: José Carlos e Maria da Silva.
- 15 anos, 80 kg, 1,70 m.
- Cabelo castanho, olhos verdes.
- Tem piercing na orelha e cicatriz no joelho.
- Mora no Cassino.
- Gosta de dançar, jogar videogame, futebol, sair com os amigos, dançar balé clássico.
- Não gosta de ajudar na casa e de acordar cedo.
- Dúvidas: tamanho do pênis; às vezes, prefere estar com os amigos que com as garotas.
- Já teve catapora e sarampo.
- Gosta de iogurte com aveia, sanduíche, leite, arroz, batata frita, bife e feijão.
- Tem um cachorro e muitas plantas.

Produzindo a narrativa do Gabriel

Um dia Gabriel estava em sua aula de ballet, quando viu um jovem observando sua aula. Após o término da aula, esse jovem foi falar com Gabriel, pois gostava muito de música clássica e estava interessado em participar dessas aulas também. Eles conversaram bastante. Gabriel incentivou Roberto a fazer as aulas. Como os dois moravam na praia, eles pegaram o ônibus juntos. Roberto mostrou a Gabriel algumas músicas que tinha em seu MP3 player. Ao se despedirem, marcaram de conversar pelo MSN messenger. Quando Gabriel chegou a sua casa, “add” Roberto. Eles marcaram de ir, no outro dia, juntos para escola de ballet, para Roberto iniciar as suas aulas. Eles se tornaram bem amigos e seguidamente saíam juntos para ir à praia e ao cinema. Em um desses encontros, Roberto apresentou sua nova amiga, a Aline. Gabriel achou-a muito interessante, apesar de ser mais velha. Gabriel apaixonou-se, mas não contou isso a ninguém, muito menos a Roberto, pois pensava que Roberto também estava interessado pela Aline. Num belo dia, Gabriel, cansado de esconder esse segredo que poderia mudar o rumo de sua vida, decidiu chamar Roberto para uma conversa e contar-lhe que estava apaixonado por Aline. Roberto, ao ficar sabendo do tão temido segredo do amigo, tentou lhe

acalmar e lhe dizer que já havia percebido que Gabriel estava apaixonado por Aline, pois Gabriel mostrava fortes indícios disso. Então, para ajudar o amigo, Roberto resolveu marcar um encontro surpresa, tanto para Gabriel, quanto para Aline. Agendou o encontro em um restaurante do Cassino, dizendo que estava com vontade de sair para se divertir com os amigos, sendo que os dois não sabiam que estariam no mesmo local, a sós, em um jantar romântico. Gabriel chegou ao restaurante e não encontrou Roberto. Decidiu, então, perguntar para um garçom onde estava a mesa que Roberto havia reservado e sentou-se para esperar. Resolveu ligar para Roberto, que disse que já estava chegando. Nisso, chega Aline, que avista Gabriel, e vai até ele perguntar por Roberto. Os dois percebem que ambos foram convidados para a mesma mesa. Então, começam a conversar à espera do amigo. Passaram alguns minutos e Roberto pede desculpas. Avisa que não poderá ir ao jantar, pois houve alguns imprevistos. Aline e Gabriel decidem jantar, conversaram um pouco sobre a rotina de suas vidas. Aline pediu um vinho e Gabriel, um refrigerante, pois é menor de idade. Aline começou a falar que adorava futebol, que seus últimos namorados sempre a levavam para ver o Rio Grande jogar. Perguntou se Gabriel gostaria de ir com ela assistir um jogo no final de semana. Gabriel, que odeia futebol, confirmou o encontro para agradar a amada. Ele percebeu que Aline possuía preferências bem distintas das suas. Ela cursa Engenharia Mecânica na FURG, gosta de pescar, boxe, futebol e coleciona ferramentas. Contudo, Gabriel pretende futuramente prestar vestibular para Artes Visuais, gosta de ballet, de obras de arte e adora livros, principalmente romances. Ao conversarem, as diferenças começaram a surgir, mas ele ainda continuava muito apaixonado. Decidiu mudar sua vida e seus gostos naquela noite, tudo para ficar mais próximo de Aline. Portanto, o jantar serviu para eles se conhecerem mais. Gabriel decidiu não se arriscar, ainda não se declarar, mas marcou um encontro para o final de semana. Aline, que estava afim, começou a achar que ele é homossexual, depois que o ouviu falar de seus gostos e preferências. Essas são algumas possibilidades, de outras tantas que poderão ser pensadas e desenvolvidas para se trabalhar com a sexualidade na escola. Estas não são formas prontas e acabadas, pois, conforme a faixa etária e o contexto no qual você, professor/a, está inserido, essas propostas serão adaptadas. Os assuntos problematizados serão mais ou menos aprofundados, de acordo com o interesse das crianças e adolescentes. Assim, proponha-se um desafio e realize uma dessas atividades com a sua turma. Discuta com eles/as as questões que envolvem as temáticas de corpos, gêneros e sexualidades tão presentes no nosso cotidiano. Além disso, essas atividades não devem tornar-se momentos isolados de

discussão no seu espaço de sala de aula; deverão, sim, estar entrelaçadas à sua prática pedagógica. Por exemplo, quando aborda o corpo biológico, é possível pensar no desenvolvimento da atividade: “Que corpo é esse?”, para pensar esse corpo para além da sua materialidade biológica, para pensar seus entrelaçamentos com aspectos culturais e sociais também. Outro exemplo é a atividade “Muitos nomes, muitas histórias”, que pode ser pensada imbricadamente com a disciplina de história. Além disso, entrelaçamentos podem ser pensados com base nas vivências e experiências que você, professor/a, possui e no contexto no qual esteja inserido/a. Então, desejo a vocês colegas professores/as um produtivo trabalho com relação às discussões acerca da sexualidade na escola! Para saber mais informações sobre essas atividades e também para conhecer outras propostas e discussões que o Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola tem produzido, consulte o box “Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar”, o qual contém três livros. São estes: “Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar – Caderno Pedagógico Anos Iniciais”; “Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar – Caderno pedagógico Anos Finais” (desses dois livros, foram retiradas as atividades aqui mencionadas); e “Sexualidade e escola: compartilhando saberes e experiências”, no qual é possível encontrar relatos de professores/as que vêm desenvolvendo, em sua sala de aula, um trabalho que discute as questões de corpos, gêneros e sexualidades.

Referências

FOUCAULT, Michael. História da Sexualidade I: a vontade de saber. 18. ed. São Paulo: Graal, 2007. 176 p.

RIBEIRO, Paula Regina Costa. Inscrevendo a Sexualidade: discursos e práticas de professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental. 2002. 125 f. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas: Bioquímica), Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

_____. Revisitando a história da educação sexual no Brasil. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa (Org.). Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar. 2. ed, Rio Grande: FURG, 2008. p. 11-16. (Caderno Pedagógico Anos Iniciais).